

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

29 de Julho de 2015

## CORDÃO VERDE / 2009

um filme de Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres

**Realização, Fotografia, Som, Montagem, Produção:** Hiroatsu Suzuki, Rossana Torres

**Cópia:** Betacam Digital, legenda inglês, 33 minutos

**Estreia Mundial:** Festival Internacional de Cinema de Locarno em 10 de Agosto de 2009 na secção “Ici et Ailleurs”

Apresentado pela primeira vez no na Cinemateca em 14 de Dezembro de 2009

## O SABOR DO LEITE CREME / 2012

um filme de Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres

**Realização:** Hiroatsu Suzuki, Rossana Torres

**Fotografia:** Hiroatsu Suzuki

**Som:** Rossana Torres

**Montagem:** Rossana Torres, Hiroatsu Suzuki

**Interpretação:** Cacilda Cardoso de Figueiredo, Fernanda Cardoso de Figueiredo

**Produção:** Entre Imagem / **Co-Produção:** Acert

**Cópia:** Blu-ray, legenda inglês, 74 minutos

**Estreia Mundial:** Doclisboa em 25 de Outubro de 2012 na secção “Competição Portuguesa Longas-Metragens”

com as presenças de Hiroatsu Suzuki, Rossana Torres

## **O olhar de Hiroatsu Suzuki & Rossana Torres**

Os dois filmes co-realizados por Hiroatsu Suzuki e Rossana Torres constituem ambos uma redescoberta de espaços íntimos embebidos pelas memórias de Torres. A redescoberta é feita através da câmara de Suzuki, uma câmara assim munida também com os «olhos especiais» de Torres, num confronto com o trabalho e o espaço habitacional das pessoas. Tratando estas realidades com grande respeito mas também carinho, a câmara de Suzuki «toca-as» através de sons e imagens. O que significa «tocar»—fazer música com—a realidade?

Vejamos alguns exemplos. No filme *O Sabor do Leite Creme* (este título faz-nos naturalmente lembrar a obra de Ozu de 1952: *O Sabor do Chá Verde sobre Arroz*), a câmara deixa a cena da marquise onde as duas irmãs de 98 e 96 anos, Cacilda e Fernanda, se encontram a bordar tapetes e a ver fotografias, e mostra-nos de repente o edifício da escola, que, como mais tarde se perceberá, se localiza à frente da casa das irmãs. Num espaço aberto ao ar livre, ecoam desgostosas as vozes das crianças, impossibilitadas de ir para o recreio por causa da chuva. Ouvem-se os seus lamentos, e ainda demoradamente os pássaros chilreando, e, só então, os realizadores transitam primeiro para a cena da janela molhada da casa, e, depois, para a cena interior da lareira—do respingar da chuva ao crepitar do fogo. A escola volta depois a aparecer, mas desta vez ergue-se mesmo em frente de uma janela aberta da casa, e é aqui que se percebe claramente a vizinhança dos dois edifícios. Durante a cena, ouvem-se as velhas irmãs a conversar, explicando que nasceram no edifício da escola e que chegaram a morar no andar de cima. A conversa mistura-se com vozes de crianças, sons de vento e carros a passar. Subitamente, a cena é cortada e ligada a um admirável instante de silêncio: na parede tremula a luz do sol vinda da janela de um quarto com cama. Este instante é depois ligado a essa outra cena formidável de um espelho, que reflecte a irmã mais nova a contar comprimidos, junto a uma jarra com um pé de flor encarnada. A razão pela qual estas imagens cativam tanto o espectador reside no facto de os filmes de Suzuki & Torres fazerem ecoar nos espaços os sons internos e externos às cenas. E ao fazerem os espaços como que (co)responder a esses sons, os de

fonte visível e invisível, os realizadores estão a «tocar cinema», um cinema-música. É daqui que vem a grande poesia das suas imagens: a poesia de cenas despojadas e sombrias, que, de repente, se iluminam com o sol e o simples vaivém sonoro entre as divisões da casa—onde apenas existiam utensílios de cozinha alinhados ou roupas penduradas—, o trânsito da rua e outras vozes confluentes como as dos pássaros. Neste seu «tocar cinema» deixam de ter sentido divisões como as de género cinematográfico, entre ficção e documentário... Os espectadores são convidados a não se prenderem a significados e informações intelectuais, desenvolvendo antes uma sensibilidade que se confronte com o que vê e ouve—por outras palavras: uma sensibilidade que simplesmente veja e ouça as cores e os sons que lhe entram pelos olhos e ouvidos adentro. Nesse sentido, os filmes de Suzuki & Torres apesar de terem uma fisionomia suave e meiga, constituem um verdadeiro desafio.

Este espírito desafiador está já presente no seu primeiro filme, *Cordão Verde*. Eliminada a narração explicativa, a própria voz *off* feminina que se ouve no início com uma leitura que acompanha a calma panorâmica de uma cadeia montanhosa—«*A respiração, o ritmo da terra cantam...*»—é já puramente musical. A câmara, que filma os ofícios dos habitantes nesta região de colinas que se estende desde o Alentejo até ao Algarve, vai tocando uma espécie de música através das mudanças de som e luz, ao longo das sucessivas transições de espaços e distâncias, entre vales, rios e correntes, exteriores e interiores, entre os vários trabalhos manuais... Engana-se por isso aquele que procura aqui satisfazer-se com os tais significados e informações. Os elementos que perfazem este universo vão sendo descobertos à medida que os sons dos instrumentos agrícolas enchem os espaços, marcando com precisão o ritmo, ou à medida que as imagens da horta no laranjal ligam, em contraponto de planos, o longe e o perto da cena, tornando perceptível aquilo que ao longe não o era. Até que o óleo de alecrim manualmente destilado seja finalmente fixado pela câmara há uma sequência de cenas, com os vários planos que as compõem, que é absolutamente fabulosa. Até que o espectador consiga perceber o que é que afinal está a fazer o protagonista no plano junto ao fogo—trata-se aqui de

um motivo que aparece também no filme *O Sabor do Leite Creme*—, decorre um espaço de tempo colorido de forma riquíssima tanto a nível de sons como de luz, dois elementos que vão continuamente mudando. Pode ser que dentro da cabeça do espectador não párem de surgir associações filosóficas a universos tão variados quanto Empédocles, Lucrecio ou Bachelard, elementos químicos, átomos, imagens... Ou ainda associações cinematográficas a realizadores como Straub & Huillet, Jean-Claude Rousseau ou António Reis & Margarida Cordeiro (nomeadamente *Ana*, o filme que Suzuki diz ter-se lembrado ao visitar pela primeira vez o local de filmagem da última cena de *Cordão Verde*: a albufeira onde beberica o rebanho). Mas, muito antes destas associações e lembranças, é necessário que o público abra a sua sensibilidade para a música de sons e imagens deste cinema.

Só pelo facto de ser um filme sobre duas irmãs e a sua casa, *O Sabor do Leite Creme* faz-nos também lembrar *Ana*, a longa-metragem de Reis & Cordeiro. Mas esta associação não surge somente porque os protagonistas são mulheres de idade. Por exemplo, no início do filme vê-se uma mulher a entrar no quarto das irmãs para lhes servir a refeição da manhã, ouvindo-se depois as suas vozes apenas em *off*. A postura humilde desta mulher, que quase se quer curvar ao passar, exprime uma atmosfera algures muito próxima da forma como decorre um certo tempo cerimonial e esotérico captado pela câmara de *Ana* durante a cena da rapariga que chega a casa no meio da tempestade e da família que ansiosamente a espera. É claro que as velhas irmãs não têm absolutamente nada de esotérico. Sente-se contudo algo de cerimonial no quotidiano que se repete—algo de ritual no passeio pelo jardim, na figura parada à entrada, contemplando a paisagem, ou na tarefa agrícola que se desenrola na horta. Nessa perspectiva, *O Sabor do Leite Creme* é um filme raro que consegue exprimir uma existência humana que vai ocupando o espaço para além do tempo, e que um dia subitamente desaparece, tal como parece vir anunciar o pássaro que inesperadamente aparece.

**Daisuke Akasaka / Crítico de Cinema**

(Tradução do japonês: Marta Morais)